

**“Velha canção sertaneja”: narrando
história de vida interiorana sobre o
processo de envelhecimento nas
homossexualidades**

*"Old sertaneja song": narrating a backcountry life story
about aging process in homosexuality*

Márcio Alessandro Neman do Nascimento

RESUMO: Na contemporaneidade, o entorno e as discussões sobre o envelhecer tornaram-se relevantes a partir da visibilidade apresentada no cotidiano. Muitas investigações e dados estatísticos trazem à tona o número crescente de pessoas que adentram a dita *terceira idade*. Essa realidade vem mobilizando todas as esferas sociais no intuito de produzir estratégias e condições interventivas condizentes com as especificidades requeridas por essa população, tanto quanto o que esse público pode reverter para a sociedade. Entretanto, é fato que grande parte desses estudos busca identificar e localizar essa população em planos de vida que, muitas vezes, podem sugerir a reificação de estereótipos e normativas que circunscrevem o *tornar-se velho* ou apenas discutem a *prática do cuidar*. O objetivo deste trabalho investe na problematização de modos de subjetivação e estilos de vida, partindo das intersecções entre geração (envelhecer), homossexualidade (sexualidade e gênero) e territorialidade (município interiorano). Para tanto, apresenta a análise de narrativa de uma história de vida à luz dos estudos culturais, das sexualidades e dos gêneros para captar as linhas subjetivas que constroem sujeitos e discursos e que, conseqüentemente, indicam práticas sociais, modos de subjetivação e conjunturas sócio-históricas, culturais e políticos de determinados contextos.

Palavras-chave: Envelhecimento; Homossexualidade; História de vida.

ABSTRACT: *In contemporary times, the discussions about aging become very relevant as a consequence of the increased visibility of the old age issues presented in daily life. Many investigations and statistics bring out the growing number of people entering the so-called third age. This reality is mobilizing all social spheres in order to produce interventional strategies in agreement with the specificities required by this population, as far as what this public can revert back to the society. However, most of these studies seek to identify and locate this population in plans of life that can often suggest the reification of norms and stereotypes that delimit what become old mean or just discuss the practice of medical care. This paper invests in questioning of modes of subjectification and lifestyles, from the intersections between generation (aging), homosexuality (sexuality and gender) and territoriality (provincial town). It presents an analysis of a life story from the perspective of cultural studies and sexualities and gender to capture the subjective lines which construct subjects and discourses, indicating social practices, modes of subjectification and social, historical, political and cultural conjunctures of determined contexts.*

Keywords: *Aging, Homosexuality, Life Story.*

A velhice narrada em prosa: sobre a construção da pesquisa

Se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória.
(Beauvoir, 1990: 10).

A reflexão sobre o envelhecer e a homossexualidade em território interiorano surgiram durante o período em que escrevia a minha dissertação¹ de mestrado em psicologia, entre os anos 2005 e 2007, ocasião em que realizava incursões ao campo em boates e bares direcionados ao público de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais (LGBT) entre

¹ Nascimento, M.A.N.do. (2007, 2º semestre). *Homossexualidades e homosociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBT*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras de Assis (SP). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Assis (SP), Brasil.

outras expressões possíveis das sexualidades. As visitas etnográficas objetivavam - além da realização de observações – encontrar voluntários com quem realizar entrevistas e, a seguir, a construção de narrativas de histórias de vida.

Dentre as características de participantes para serem entrevistados, elencadas metodologicamente, era desejado encontrar um sujeito que se autodenominasse homossexual, morasse no interior do Paraná e que tivesse idade igual ou superior a 60 anos. Sobre um dado preliminar relativo às ações em campo, podemos descrever a dificuldade em contatar alguém que se inscrevesse nas características descritas. Onde se localizavam tais sujeitos? Quais razões os tornavam invisíveis no cenário da região interiorana do norte do Paraná? É fato que os encontrei, alguns. No entanto, muitos se recusavam a narrar suas histórias, justificando-se pelo receio em se tornarem visíveis – mesmo que somente por meio de discursos anônimos.

Entre alguns contatos aceitos ao longo dos anos, apresentarei, a seguir, a história de Marcelo e também alguns relatos ilustrativos de outros sujeitos que emergiram durante as incursões ao campo.

A partir da experiência prática supracitada, criaram-se dois objetivos para este trabalho: a) problematizar a análise da narrativa da história de vida de um participante de 60 anos, que sempre residiu no interior paranaense, solteiro, que se autodenomina homossexual masculino e frequenta lugares de lazer e socialização direcionados para o público LGBT; e b) descrever algumas práticas discursivas encontradas durante as visitas a bares e boates.

A narrativa se deu por meio de entrevista audiogravada e transcrita *a posteriori* na íntegra, nos moldes éticos para pesquisas com humanos.

A entrevista buscou problematizar questões pertinentes aos momentos marcantes e históricos da vida do participante, estilo de vida, práticas sociais recorrentes, vivência de afetos e a percepção de acontecimentos pelo entrevistado.

A análise da narrativa se efetivou à luz do posicionamento de estudos culturais, das sexualidades e gêneros de autores pós-estruturalistas, uma vez que se compreende que esse referencial teórico permite realizar capturas das linhas históricas que tecem práticas discursivas e, subsequentemente, o fluxo de modos de subjetivação e sujeição em territórios interioranos de homossexuais acima de 60 anos.

Notas e outros apontamentos teóricos utilizados na pesquisa

Historicamente, de acordo com Phillipe Ariès (1978), a noção da idade cronológica se tornou relevante por volta do século XVI, surgindo assim, divisões etárias para a classificação das populações e de suas “novas” necessidades. Portanto, as categorias, infância, juventude, adulto (e sugere-se o pensar sobre a velhice) seguem pressupostos sociais advindos da Idade Média que se intensificaram durante a modernidade. Danzelot (1980) indica ainda que, com essas novas divisões etárias, foram criadas, ao longo do século XIX, profissões orientadas para um trabalho social que visasse à utilização de dispositivos institucionais preexistentes para localizar, “cuidar” e disciplinar essas etapas do desenvolvimento cronológico humano.

Atualmente, o marcador social *geracional* (envelhecer) está em voga. Dados epidemiológicos e pesquisas quantitativas de distintas e convergentes áreas do conhecimento apontam para discursos e estratégias interventivas crescentes que focalizam o envelhecimento populacional mundial e suas consequências na ordem social e econômica. A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) define uma pessoa idosa, em países desenvolvidos, como aquela que atingiu idade igual ou superior a 65 anos. Todavia, em países em processo de desenvolvimento (sendo o caso do Brasil), essa idade diminui para pessoas que apresentem idade igual ou superior a 60 anos. Essas delimitações sobre o idoso, pela OMS, levam em conta aspectos da realidade social a partir de dados epidemiológicos e cronológicos: a taxa de mortalidade infantil e média de idade da morte de idosos daquela nacionalidade. Sendo assim, observa-se que os indicadores para a classificação apresentada pela OMS sobre os idosos consideram apenas como parâmetro a questão do envelhecimento fisiológico e o desenvolvimento do país de um modo geral.

Partindo do exposto, problematiza-se que a OMS não se aprofunda nos estudos dos processos vivenciais trazidos pelas interseccionalidades de marcadores sociais, que realizam interface entre si e produzem subjetividades e, subsequentemente, lançam práticas sociais sobre a construção social da velhice na contemporaneidade. Geração, estilo de vida, processos culturais, o modo como a sociedade vivencia as crenças e valores sobre a velhice podem ser o modo pelo qual determinam, a esses sujeitos, a possibilidade ou interdição da expressão ou da produção de vida; ou seja, a heterogeneidade e a multiplicidade de sujeitos em envelhecimento sugerem modos convergentes (e divergentes) no que tange ao grau de vulnerabilidades e prazer na vida, dependendo do contexto no qual o indivíduo está inserido.

Em suma, analisa-se que muitos estudos sobre os idosos não se atentam ao desenvolvimento e efetividade de políticas públicas relacionadas à área da saúde e da assistência em todas as camadas sociais, assim como a legitimidade, de fato, da propagação dos Direitos Humanos nas áreas dos direitos sociais, políticos e civis.

Os acontecimentos trazidos pelo aumento acelerado de pessoas em envelhecimento no planeta é consequência de muitas conquistas para os cidadãos, em comparação com períodos anteriores. Contudo, esse mesmo aumento populacional evidenciado orientou a implantação/implementação de políticas públicas e a preocupação do Estado, da Ciência e do Capital em gerir estratégias interventivas condizentes com as particularidades de idosos.

Já no caso específico dos estudos relativos à interconexão entre os estudos das sexualidades e os processos de envelhecimento, é considerada uma temática acadêmica ainda pouco discutida no que diz respeito às expressões do erotismo e das (re)configurações afetivas.

No entanto, antes mesmo de as problematizações acadêmicas sobre envelhecimento e homossexualidade se iniciarem, encontramos nas artes algumas reflexões importantes sobre a temática que foram apresentadas na literatura e no cinema. A clássica novela *Morte em Veneza*, publicada por Thomas Mann em 1912 (e dirigida no cinema por Luchino Visconti em 1971) traz à tona a paixão platônica de um senhor por um jovem rapaz. Essa obra-prima inspirou também o filme *Amor e Morte*, dirigido por Richard Kwietniowski em 1997, e que mais uma vez encena o homoerotismo velado e confuso. Já em *Deuses e Monstros*, de 1998, o diretor Bill Condon traz às telas as investidas homoeróticas de um solitário e velho diretor de cinema sobre um jovem jardineiro musculoso e cheio de vida, relação que *a posteriori* se transforma em amizade e confidências. Assim como em *Deuses e Monstros*, a discussão sobre solidão, desejos, limitações e estigmas relativos à intersecção “velhice e homossexualidade” é indicada em *Toda Forma de Amor* filmado por Mike Mills em 2010, produção esta que retrata o drama familiar de um idoso que decide revelar aos filhos e ex-esposa a escolha de vivenciar a sua homossexualidade, mesmo que tardiamente. A sequência dos referidos filmes citados demonstram claramente histórias distintas, porém com os mesmos dilemas: *Como viver a homossexualidade na velhice? Por que essa temática ainda é dita como tabu e traz tanto sofrimento?*

De acordo com Iacub (2006), os estudos sobre a velhice prioritariamente caminharam para os aspectos gerontológicos do uso da medicalização, participação em lugares de cuidado, incidência de doença e qualidade de vida, em detrimento aos estudos do erotismo, afetos e

outras formas de expressão das sexualidades. A negação ao idoso de uma vida autônoma e produtiva no campo afetivo-sexual corrobora para a continuidade dos estereótipos dos mesmos serem “assexuados e sem desejos”, ainda mais quando se trata de sujeitos que se afastam da matriz normativa heterossexual.

De acordo com Barros (1997) e Peixoto (1997), o posicionamento analítico das narrativas de história de vida não podem se pautar no entendimento da velhice como um fenômeno biológico em declínio irreversível. Embora as autoras não neguem a importância dos estudos sobre os desgastes físicos e mentais dos idosos, elas acreditam que a velhice é um fenômeno multifacetado que se compõe além da esfera biológica, incluindo diversos significados socioculturais e históricos, como por exemplo, o prazer, o erotismo e a vivência dos sentimentos. Ainda, conforme as autoras, as experiências vividas e os saberes acumulados podem ser entendidos como ganhos que propiciam aos que envelhecem possibilidades para a realização de projetos de continuidade de ações e o estabelecimento de relações mais prazerosas com a vida.

De modo complementar, citamos alguns pesquisadores do campo das ciências humanas que têm visibilizado as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo biológico entre idosos e/ou em relacionamentos intergeracionais (idosos e jovens adultos), dados em lugares de socialização homoerótica, como apresentado no trabalho etnográfico de Pocahy (2011). Nesta pesquisa, o autor anuncia as relações de poder que tratam homossexuais idosos como seres abjetos (desviantes), assim como esses mesmos sujeitos produzem estratégias e posicionamento diante da vida para a busca de prazer afetivossexual. Ainda nas discussões entre as categorias *geração* e *sexualidade*, encontra-se o trabalho de Henning (2010) que, por meio de processos etnográficos, (re)monta à discussão sobre a construção imaginária e vivencial de homossexuais idosos em lugares de socialização homoerótica na cidade de São Paulo, descrevendo os impasses trazidos pela diferença geracional, as construções subjetivas e as coexistências nessas tramas sociais (impasses) entre jovens e velhos que apresentam desejos homoeróticos.

No entanto, como já dito antes, o presente artigo se propõe a analisar a narrativa de história de vida de um participante que se disponibilizou a compartilhar sua história sobre o envelhecer na homossexualidade em um município do interior do Paraná. O entrevistado Marcelo (nome fictício) foi abordado em uma boate destinada ao público LGBT, durante um dos episódios etnográficos naquele local, e se disponibilizou a contar a sua história. Assim, de

modo subsequente, recorreu-se ao método da narrativa de história de vida, para a reflexão, análise e ilustração de possíveis vivências de pessoas que têm experiências homoeróticas em lugares considerados mais tradicionais culturalmente (caso de municípios interioranos).

A narrativa de história de vida como possibilidade metodológica para pesquisar a velhice

A narrativa de história de vida pode ser compreendida como um método de pesquisa qualitativa contundente que enfatiza o discurso, uma vez que prima pelas experiências vivenciadas durante a vida sejam elas episódios contínuos ou com rupturas significativas. Sobre esse método, Terto (1997: 97) diz:

[...] As histórias de vida vêm sendo empregadas como técnica de pesquisa pelas ciências sociais e pela psicologia em estudos baseados em metodologias qualitativas e que buscam reconstruir as experiências individuais em determinados momentos históricos, contar a história de certa cultura e compreender a interação de fatores individuais e culturais, a partir do ponto de vista do indivíduo.

Desse modo, compreende-se que esse método possibilita, no processo dialógico (entrevistador/entrevistado), a expressão contínua de emoções e de experiências que podem representar singularidades ou uma coletividade, pois:

[...] busca não só analisar a influência de condições sociais, políticas e psicológicas sobre a construção de identidades, mas também os modos e mecanismos que os indivíduos, frente a estas condições, constroem seus cursos de vida, e como suas ações as influenciam, enfocando assim os dinâmicos processos de mudanças, negociações, ajustes, reformulações, entre outros movimentos presentes tanto na vida social como na existência do indivíduo. (TERTO, 1997: 97-8)

Assim, de acordo com as proposições supracitadas, o objeto de análise que se propõe investigar é o discurso, sendo este um modo de funcionamento subjetivo produzido no campo

social, não sendo, portanto, apenas um texto ou se restringindo apenas à ordem dos enunciados (do que é dito). Para Foucault (2006: 10), o discurso está atrelado ao desejo e ao poder, ou seja, ele “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. De modo complementar, observa-se no pensamento foucaultiano a ideia de que:

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimentos aleatórios, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 2006: 9).

Para o autor em tela, o discurso está onde a hierarquização e as relações de poder podem ser exercidas, por excelência, na esfera social, política, construção das sexualidades e dos gêneros, das corporalidades; em suma, contextos onde a disciplina e o controle derivam de atravessamentos e processos sócio-históricos e políticos. É nesse *locus* pulverizado e não localizável que se observam os discursos; portanto, as produções de subjetividades.

Por produção de subjetividade compreende-se o agenciamento coletivo de enunciados - enquanto um acontecimento construído socialmente por processos e fluxos contínuos no funcionamento intrapsíquico e engendrado por condições históricas e políticas -, integrantes de distintas instâncias da cultura que produzem estilos de vida, práticas sociais e modos de existência singulares ou normatizados (Guattari & Rolnik, 1986; Deleuze & Guattari, 1996). Portanto, problematizar discursos recorre em implicar-se nos estudos das condições que atravessam os sujeitos e permeiam os modos de subjetivar. Elencar marcadores sociais e suas interseccionalidades - questão geracional (envelhecer), orientação sexual e gênero (homossexualidade) e recorte geográfico/cultural/estilo de vida (município interiorano da região norte do Paraná) -, enquanto categorias interconectadas permitem a construção de um referencial teórico-metodológico interessante para discutir e analisar subjetividades (Piscitelli, 2008).

No campo das vivências cotidianas, a velhice ainda hoje se condiciona ao imaginário social como finitude e perda, proximidade da morte, motivo de estorvo para familiares, disparador de relatos sobre isolamento, solidão, dor, tristezas e muitos conflitos intergeracionais, ou seja, é relacionada ao impedimento de possibilidades de uma vida

prazerosa que se suaviza ao longo dos anos. De acordo com Paiva (2007), em sua pesquisa sobre a intimidade de parcerias homoeróticas, revela-se que, entre as preocupações com o futuro dos homossexuais entrevistados, está o medo da solidão, do envelhecer e do pouco crédito para a durabilidade dos relacionamentos. A questão da solidão e da pouca credibilidade em encontrar um companheiro para envelhecer junto era uma constante no discurso dos homossexuais acima de 60 anos encontrados no campo, como proferido por Mateus: “É, meu filho, você é novo, não sabe o que é ser uma bicha velha. Tudo cai, a gente fica mais feio, ressentido. Nem filho eu tenho. Como diria a música da Legião Urbana – “... e dizem que a solidão é que me cai bem...”. É difícil explicar, só quem foi jovem e ficou velho pode entender o que é difícil...” (sic).

Em específico ao relato do entrevistado Marcelo, observam-se as impressões dele sobre uma entrevista, a que assistiu na TV, em que eram analisados os ganhos e as perdas dadas a partir da velhice:

“Quando você nasce, você ganha, só ganha, ganha, ganha, ganha, quer dizer, ganha a vida, ganha o pai, assim..., fantasia..., ganha a mãe, tantos parentes que vêm etc.; depois de uma certa idade.... Bom, daí, ela falou, deu um número, a partir dos quarenta, por exemplo, você começa só a perder, você vai perder a saúde, digamos assim, perde uma pessoa que você ama ou que morreu ou que foi para outro lugar. Por exemplo, eu tinha uma amiga que era solteira e a gente se dava muito bem, mas daí ela casou. Ah, nem sei porque eu estava falando isso. Você tinha me feito uma pergunta. Qual mesmo? [...] A cabeça..., eu costumo dizer que minha cabeça tem vinte, que eu sou meio adolescente ainda, se for ao pé da letra, eu sou, mas o corpo está cansado, a cabeça, o pensamento, a alma, não sei o quê, tem vinte anos, mas eu estou cansado, mas então, eu gosto de viajar, mas ao mesmo tempo, dá uma vontade de ficar em casa também. Ai, eu quero ir ao cinema, mas não, eu vou ficar em casa. Eu estou assim agora, eu estou em uma fase assim agora. Mas não sei se vai continuar assim[...].”

Sobre as perdas trazidas pelo envelhecimento, no caso específico da população LGBT, notou-se durante as inserções ao campo, e a partir do relato do aqui entrevistado Marcelo, a ausência de uma proposta possível em gerir o envelhecimento e um estilo de vida singular que não se remetesse apenas ao modelo vigente - ao estilo de vida heterossexista. Ainda no

processo de inserção aos locais de socialização voltados para a população LGBT, a dificuldade em refletir e conjugar sexualidade/velhice/vida interiorana era presente no discurso de todos os frequentadores desses lugares, independentemente da idade².

Uma possível justificativa para a informação trazida no parágrafo acima pode ser atribuída à análise de Marina Castañeda (1999), que diz que a cultura latina (onde se inclui o Brasil) é considerada uma das culturas mais homofóbicas entre os países ocidentais, uma vez que se encontram nos povos latinos vertentes de práticas sociais (crenças e valores) pautadas em uma perspectiva regulatória cristã, machista, misógina, branca, e promotora de uma matriz familiar patriarcal, nuclear e heteronormativa. Complementando essa realidade, Nascimento (2007) analisa que esses valores e crenças se intensificam em regiões interioranas do Brasil devido às proximidades e mesclas entre vida pública e privada, condições que desfavorecem as expressões das sociabilidades entre o público LGBT, direcionando a formação de guetos, tais como bares, boates, festas específicas, entre outros.

Sobre o marcador social territorialidade, mais especificamente sobre a geografia/demografia interiorana, encontra-se em Raffestin (1993) que território pode ser compreendido com um espaço onde se projetam relações de poder nas esferas sociais, trabalhistas, em processos informacionais e experienciais, que culminam em determinantes que engendram e gerenciam os estilos de vida cotidiana que, por sua vez, emergem em novos aspectos socioculturais. Sobre os modos por meio dos quais o aqui entrevistado Marcelo lida com sua inserção nos lugares de socialização e lazer, ilustra-se:

“Sim, social, toda a vida eu evitei. Odiei, ainda mais com parentes. Sempre detestei, a vida inteira praticamente. [...] eu sempre morei perto da família do meu pai. Nasci e morei perto da família do pai. [...] Mas daí, a gente vai crescendo e vão se afastando, porque eles são héteros, e daí foram namorar, casou etc. E eu nada disso. Como que eu vou ficar..., mas eu poderia ter continuado a amizade. [...] Por mais que eu não queira ser feminino, eu tenho a alma feminina. [...] eu quero estar com as mulheres e não com os homens e isso gera conflito, mesmo que não seja conscientemente, mas aquilo fica ferrando a cabeça da gente, caramba, o corpo masculino, mas sinto atração por homens, mas não gosto de ter... Você percebe que as

² Saliente-se que, nos lugares a que visitei, era permitida a entrada somente de pessoas acima de 18 anos.

“pessoas sabem que você é gay mesmo sem você dizer. É assim no trabalho, na família, no mercado, é assim... mas a gente, às vezes, tenta escolher, para não saberem (risos).”

O discurso do entrevistado revelou, durante as seis horas contínuas de entrevista, as interdições recorrentes trazidas pelas práticas violentas da homofobia e, mais recentemente, a segregação e a discriminação no meio gay, a partir de quando se tornou idoso. Essas condições interditivas da vida de Marcelo proporcionaram-lhe condições que facilitaram uma homofobia interiorizada³, ou seja, a autorrejeição de sua condição homossexual e o menosprezo da pluralidade das distintas e amplas expressões das sexualidades. Castañeda (1999) e Nascimento (2007) analisam que a homofobia exerce uma ação nefasta quando ela atravessa sujeitos homossexuais, “interiorizando-se” neles, fazendo-os se inferiorizarem e se assujeitarem às hierarquizações do binário sexual hétero-homossexual. No caso do depoente Marcelo, a narrativa de sua história de vida revelou uma vida repleta de culpa, sentimentos de inferiorização e medo por ser homossexual.

“[...] eu vivi minha vida inteira com medo, e acho que foi a maior perda de tempo do mundo eu viver com medo que as pessoas soubessem. Eu tinha pavor que soubessem. [...] é, eu tenho uma história de rejeição, de autorrejeição muito profunda [...] A minha..., minha dificuldade de me relacionar com meu namorado, com amigos também tem muito a ver com essa história da rejeição.”

“Tenho aquilo, que eu já falei várias vezes, que no fundo eu não aceito minha homossexualidade. Ao mesmo tempo em que eu quero estar no mundo gay, que eu quero estar, tem alguma coisa que me impede de estar lá, entende? Então, hoje, eu estou mais de ficar em casa na solidão.”

³ A homofobia interiorizada diz respeito à incorporação do desprezo que outros sujeitos dirigem aos homossexuais e que esses, em muitos casos, aceitam, pois se sentem culpados em não corresponder aos padrões heterossexuais idealizados (Nascimento, 2007: 67). Ainda se analisa que a homofobia interiorizada faz com que os próprios homossexuais alimentem a vergonha de si mesmos - ora tendo medo de serem “descobertos” (produzindo seu autoisolamento), ora projetando a repulsa da homossexualidade encontrada em outras pessoas que apresentem a mesma orientação sexual.

A vergonha, a interdição dos afetos, a baixa autoestima, uma autoimagem indesejada, a sensação de ser ridículo e inapropriado são alguns dos aspectos psicológicos trazidos pela homofobia; muitos desses sentimentos foram narrados durante a entrevista e podem ser identificados como homofobia interiorizada. A maneira como o entrevistado se constrói enquanto sujeito homossexual, idoso e “caipira”⁴ é relatado no seguinte trecho da entrevista realizada:

“Tem gente que fala: ‘Você é velho’. Tem gente que aponta, e gay é campeão para falar isso. ‘Você é velho’. Eles sempre falam isso, já falaram pra mim. Mas, se Deus quiser, eles ficarão velhos também, isso se não morrer antes. Por a gente ser meio do interior, também falam do sotaque, né, de caipira.”

Analisa-se que o discurso de Marcelo, se comparado ao conjunto de outros relatos⁵ coletados durante as incursões etnográficas, não diverge no que tange aos determinantes sociais que restringem e consentem os locais de participação social. Como observado no primeiro relato, Marcelo, em momentos de flerte ou na procura de uma conversa amistosa, é ridicularizado por jovens homossexuais que o apontam como “bicha velha” e “maricona” devido a suas expressões corporais que demarcam sinais do envelhecimento. De modo complementar, citamos a fala de Miguel (nome fictício) revelada durante o campo: “De nós não é só retirada a juventude, mas também o prazer de conviver com ela” (sic).

Em contrapartida, também é fato que, na cultura *gay*, o homem em envelhecimento se torna alvo de desejo afetivo-sexual de alguns jovens que se interessam pelo denominado “paizão”. Dentro das categorias de estetização *gay*, o “paizão” admite idade acima dos 40 anos, “barriguinha”, ser peludo entre outros atributos que podem se afastar da estética normativa do jovem malhado e *fashion*. Sobre isso, Marcelo diz:

⁴ O termo “caipira” pode caracterizar um estilo de vida rural, proclamado com orgulho por determinados grupos que cultivam uma cultura (música, vestiário, costumes) em comum. Entretanto, dependendo do contexto, pode referir-se a um modo pejorativo e estigmatizante em compreender esse estilo de vida como uma subcultura.

⁵ Trata-se de relatos descritos no diário de campo durante as incursões. Ainda, para essa análise, foram selecionados discursos apenas das pessoas que se autodenominavam homossexuais, oriundos da (e nela residentes) região interiorana do Norte do Paraná e que atingiram a dita *terceira idade* (embora também seja fato que se conversou com muitos homens entre 54-59 anos).

“É verdade que existem essas pessoas e eu aproveito, mas ninguém quer nada sério, me querem como um objeto, como fetiche e depois eu acabo sempre sozinho. Quem quer levar um velho para casa? Você queria? Eu não (risos). Gosto de gente mais nova, de velho basta eu! É isso! (risos).”

Nos relatos sequenciais aqui apresentados, analisa-se que os contextos dos quais Marcelo participava/participa colocam-no em um plano de “não pertencimento” o que produz um modo de assujeitamento que o deixa deslocado nesses mesmos contextos. Sob a perspectiva de Goffman (1988: 51), Marcelo está “desacreditado” em lugares de socialização para público LGBT, uma vez que é diferenciado pelo critério geracional (ser “velho” para outros homossexuais), assim como é identificado com homossexual nos contextos heteronormativos onde está inserido (trabalho, família etc.). Essas condições fazem com que Marcelo tente estar “desacreditável”, ao se esconder e mostrar tal ambiguidade a respeito de sua orientação sexual. Ambiguidade que traz dúvida aos outros, possibilitando-lhe, assim, esquivar-se de estigmas que produzem desarranjos relativos a preconceito, discriminação e segregação no meio social, como pode ilustrar a fala de Carlos (nome fictício) durante o trabalho de campo:

“Eu nego que sou gay; enquanto puder negar, eu nego, ou deixo a dúvida não falando nada, pois não quero falar sobre mim com quem não entende ou que vai se afastar de mim. Já tenho poucos amigos. Mas no fundo as pessoas sabem.” (sic).

A tentativa de invisibilidade da expressão homoerótica sugere a fuga do sofrimento psíquico imposto socialmente pela heteronormatividade, que rejeita o sujeito que se afasta do modelo do homem – heterossexual – adulto – branco – viril – provedor – saudável - classe média. Geralmente a penalidade aos excêntricos é dada pelo estigma de “seres abjetos”, (Butler, 1999), ou seja, aquelas pessoas que destoam da norma e passam a vivenciar práticas sociais violentas em relação às suas existências e às suas identidades marginalizadas. Ilustramos com a fala de Miguel, dita em uma das visitas realizadas em um bar:

“Chega! Chegar na velhice e ter medo de apanhar por ser gay é muito para mim. Tenho preferido ficar quietinho ou ficar sozinho em casa. Mas não gosto da solidão” (sic).

Entretanto, de acordo com Foucault (2005), o exercício do poder não constitui uma força superior que age apenas de forma repressiva/interditiva, uma vez que ele estimula e produz. Para o filósofo, o poder se constitui na impossibilidade de localizá-lo e identificá-lo, condição que o torna mais potencializado em suas estratégias pulverizadas em todos os contextos. Nessa perspectiva, podemos considerar que, na tentativa do exercício do poder/sujeição ao poder, há possibilidades de rupturas, de resistências ao assujeitamento; a essa estratégia de enfrentamento político, Foucault (2003) denominou de encontro com o poder. A seguir, trechos de tentativas de rompimento com o assujeitamento social:

“Depois dos cinquenta, eu estou me lixando para o mundo. Mas não é porque eu quis que fosse assim, não foi que eu parei e decidi que vai ser assim. Aconteceu assim. [...] Sabe, assim, automaticamente, eu perdi, não tenho mais medo das coisas. Eu estou com sessenta anos recém-completados, nada mais tem importância na minha vida. Morri já pro mundo, eu acho. (ri). Ah, mas eu te vi dançando na boate todo feliz, beijando na boca do outro, dizem. Lógico, porque aconteceu, mas, no geral, eu não estou me importando mais, não está tendo motivos para eu me importar assim, muito com o mundo. Se eu quiser dançar sóbrio, eu danço. Eu num tô, eu num quero saber mais se está olhando para mim ou não. Então, eu acho que é indiferente os lugares. Mas se você me perguntar: Você prefere ir para uma boate gay ou uma hétero, eu diria que prefiro ir a uma gay.”

O discurso acima foi anunciado durante as indagações de como Marcelo lidava com o preconceito no trabalho e em outros contextos sociais. A “perda do medo” diz respeito ao enfrentamento (ou pelo menos a tentativa desta ação) que ele realiza quando provocado por algum colega no trabalho, ou quando intervém em alguma ação homofóbica nas ruas. Ele ainda completa que acredita que esse encorajamento diante das arbitrariedades sociais se fundamentou devido às perdas significativas da vida (morte da mãe, amigos, namorado), a finitude da alegria da jovialidade, e também pelo uso do estigma de “gagá”, “caduco”, “louco”. dado a muitas pessoas que estão em processo de envelhecimento. Analisa-se que, possivelmente, a resignificação do uso dos estigmas possa ser uma forma de resistência ao poder normativo, uma vez que qualquer ruptura comportamental pode ser justificada por esses

adjetivos (por ex.: “Sou caduco, então faço o que quero”). No entanto, analisa-se também que haja um “entristecimento” com a vida quando ele diz não se “importar com o mundo”; o “não se importar” pode funcionar, ora como uma forma de resistência e consciência da manipulação social, ora como uma falta de implicação na potência da vida. Quando questionado, como imaginaria a vida daqui a dez anos, Marcelo responde:

“Eu estou em um momento em que eu digo assim: Tudo que acontecer daqui para frente é lucro. Quando eu era adolescente, eu já achava a vida é..., sem sentido. Primeiro, porque eu não tinha com quem me relacionar sexualmente. Imagina, eu, na flor da sexualidade, e eu, ao invés de me revelar, imagina, quando eu tinha dezessete anos, quinze ou dezesseis, sei lá. Aí eu já achava que se eu gostasse de alguém eu ia sofrer e aconteceu. Eu já achava a vida uma merda, porque eu já sabia das doenças, das mortes, como era a vida, eu já estava vendo. É, e agora depois dos cinquenta e uns, eu não tenho medo mais de nada, e no trabalho, eu vou completar os trinta e cinco anos de contribuição da previdência o ano que vem, aí eu vou me aposentar, porque eu não quero mais trabalhar lá, porque eu estou cansado e não aguento mais estar naquele lugar. [...] Então, sou eu quem está cansado e as coisas que aconteceram na minha vida me deixaram mais cansado ainda. Então, eu não estou pensando de que eu vou completar setenta e três anos, eu não sei nem sei eu vou querer ter sessenta. Eu gostaria, mas nesses últimos, nestes últimos..., eu falei essa semana, que nesses três últimos meses, eu acho que eu envelheci uns dez anos na minha aparência.”

Mediante o exposto, acredita-se que a velhice circunscreveu em processos estigmatizantes que moldaram um modo, ou melhor, uma identidade de como ser velho e isso é notório no discurso de Marcelo. Embora o entrevistado não aparente ter 60 anos, ele tenta, de todo o modo, identificar-se com um estilo de ser velho ditado pelo imaginário social.

A partir de Hall (1992), entende-se que a identidade pode se constituir por rupturas com o instituído, possibilitando, assim, colocar os sujeitos em interconexões com possibilidades dissidentes de uma vida projetada linearmente. É fato que o envelhecimento traz lutos e interdições, se comparado com as corporalidades joviais; todavia, há muitas possibilidades de rompimento com cristalizações das identidades sexuais, etárias e do *script*

desejado pelas cidades interioranas. A cada momento da vida, o homem assume múltiplas identidades e, assim, constrói histórias de vida singulares sobre como envelhecer nas homossexualidades em territórios interioranos e tradicionais. A performatividade, de acordo com Butler (2003), permite descolamentos da linearidade e engessamento das linhas rígidas que marcam as identidades; dando espaço, assim, às atuações contextuais, aos fluxos desejantes de vida criativa e prazerosa.

A história do entrevistado permitiu, por meio das narrativas, a ênfase nas experiências de vida do entrevistado, demonstrando como as interseccionalidades entre marcadores sociais “geração-sexualidade-território” elevam a qualidade da análise do discurso no que tange aos processos de subjetivação dados pelo contexto sócio-histórico e cultural. Se atualmente a inteligibilidade das expressões das sexualidades é plausível, é fato que nas décadas de 1970 e 1980 a gestão da vida social era muito mais ordenada por práticas sociais que traziam em seu bojo a domesticação e disciplina dos corpos, desejos e estilos de vida. A história de Marcelo apontou, muitas vezes, a sujeição a normativas que interditaram sua vida, mas também trouxe a emergência em fazer emergirem modos de representação e gestão da velhice como a ressignificação de novas etapas da vida a serem descobertas.

Referências

- Ariès, P. (1978). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Barros, M.M.L. de. (1997). Densidade da memória, trajetória e projeto de vida. *In: Revista Estudos Feministas*, 5(1): 140-7.
- Beauvoir, S.de. (1990). *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Butler, J. (1999). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In: Louro, G.L. (Org.). O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*, 153-72. (Silva, T.T., Trad.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Castañeda, M. (1999). *Comprendre l'homosexualité: Des clés, des conseils pour les homosexuels, leurs familles, leurs thérapeutes*. (Collection Réponses) Paris: Editions Robert Laffont.
- Danzelot, J. (1980). *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal.
- Deleuze, G. & Guatarri, F. (1996). *O Anti-Édipo*. (Lisboa Campos, A. Trad.). Assírio e Calvim.

- Foucault, M. (2003). A vida dos homens infames. In: Foucault, M. *Estratégia, poder-saber (ditos e escritos: IV)*: 203-22. (Barros da Motta, M. & Avellar Ribeiro, V.L., Trads.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2005). *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (16ª ed.). (Costa Albuquerque, M.T. & Guilhon Albuquerque, J.A., Trads.). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2006). *A ordem do discurso*. (14ª ed.). São Paulo: Loyola.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4ª ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Hall, S. (1992). *A Identidade cultural na pós-modernidade* (6ª ed.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Henning, C.E. (2010). Olhares para o conceito de geração: uma etnografia das homossexualidades na adolescência e na velhice na cena GLS da cidade de São Paulo. In: *Anais do II Seminário Nacional Sociologia & Política*. Recuperado em 29 dezembro, 2010, de: <http://www.seminariosociologiapolitica.ufpr.br/paginas/anais/12.html>.
- Iacub, R. (2006). *Erótica y vejez: perspectivas de occidente*. Buenos Aires: Paidós.
- Nascimento, M.A.N.do. (2007). *Homossexualidades e homosociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBT*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Assis (SP).
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS, 2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: OPAS/OMS.
- Paiva, A.C.S. (2007). *Reservados e invisíveis – o ethos íntimo das parcerias homoeróticas*. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Campinas: Pontes.
- Peixoto, C.E. (1997). Histórias de mais de 60 anos. In: *Revista Estudos Feministas*, 5(1): 148-58.
- Piscitelli, A. (2008, jul-dez.). Interseccionalidades, categorias de articulação migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, 11(2): 263-74.
- Pocahy, F.A. (2011). *Entre vapores e dublagens: dissidências homoeróticas nas tramas do envelhecimento*. (Tese de Doutorado). PPG em Educação. UFRGS.
- Raffestin, C. (1993). *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática.
- Terto Jr., V. (1997). *Reinventando a vida: histórias sobre homossexualidade e Aids no Brasil*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: IMS/UERJ.

Recebido em 11/11/2011

Aceito em 30/11/2011

Márcio Alessandro Neman do Nascimento - Psicólogo e Professor Universitário. Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis-SP). Bacharel, licenciado e formado em psicologia pela Universidade Estadual de Londrina. Integrante do GEPS (Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Sexualidades). Email: marcioneman@gmail.com